



TV Itacolomi, Canal 4: Um dos pilares da televisão brasileira¹

Antonio Elizeu de OLIVEIRA²

Jair Rangel GUIMARÃES³

Resumo

A televisão chegou ao Brasil em 1950, com a inauguração da TV Tupi em São Paulo. No ano seguinte, com o mesmo nome, era a vez do Rio de Janeiro ter a sua própria emissora. Devido a questões e desentendimentos políticos, somente em 1955 era transmitida a primeira imagem num receptor na capital mineira, através do Canal 4, TV Itacolomi. Homens e mulheres audaciosos e determinados fizeram que o plano de Chateaubriand se tornasse realidade. A tevê do índio, como diziam muitos, fez parte da vida mineira por quase um quarto de século nos dias e noites mineiras. Ainda, a história desse pilar da televisão brasileira é pouco difundida. Fala-se ou escreve-se pouco sobre ela. De forma não linear e não necessariamente cronológica, propõe-se nesse artigo apresentar análises e opiniões sobre esse marco da televisão brasileira. Ao final, um desafio: continuar esse trabalho e publicar obra literária

Palavras-chave: Determinação; opulência; programa; telejornalismo; televisão.

1 – Introdução

A TV Itacolomi existiu. É fato! Uma história de garra e determinação é a marca de sua construção. Ela nasceu genuinamente mineira, pelas mãos de equipes técnica e artística da casa. Foi uma emissora de sucesso. Enquanto produtora de programas e jornalismo locais, com abrangência no Estado mineiro, a audiência respondia a contento. O telespectador se identificava com seu estilo, mesmo quando se tratava de programas retransmitidos das suas congêneres paulista e fluminense, as quais funcionavam como centros de produções das emissoras televisivas do grupo Associados. Ainda, se foi construído um império da comunicação, pelas mãos do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, a TV Itacolomi foi peça de suma importância..

¹ Trabalho apresentado no II – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Graduado do Curso de Jornalismo da PUC-Minas, email: antonio.oliveira@sga.pucminas.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Minas, email: jair.rangel@hotmail.com



Com tanto sucesso, uma história grandiosa, resta a dúvida: por que a TV Itacolomi foi fechada?

Objetiva esse trabalho resgatar a memória daquela que foi a primeira emissora televisiva de Minas Gerais, a terceira dos Diários e Emissoras Associados e a quinta do Brasil: a TV Itacolomi, Canal 4 de Belo Horizonte. Ela fez história e arrancou lágrimas e protestos contra o ato violento a que foi subjugada naquele inverno de 1980 e permanece a incógnita dos reais motivos que levaram ao encerramento das atividades.

2 – TV Itacolomi e algumas de suas atrações

Houve um telejornal dominical, patrocinado pelo Banco Mineiro da Produção. Semanoscope. Em cinquenta minutos de filmes e quadros ao vivo, o apresentador condensava os principais acontecimentos da semana. Além da projeção das películas sobre os fatos, tinha uma pequena entrevista com a personalidade de destaque.

Apresentado no início da manhã, o programa “TV da mulher” era direcionado ao público feminino, com entrevistas, educação infantil e literatura. As apresentadoras eram donas de casa da alta sociedade belorizontina. Já no quadro sobre psicologia, havia a participação de Rui Flores, ex-professor da universidade francesa de Sorbonne. Programas “Deficientes na TV”, numa valorização das pessoas com necessidades especiais. Diariamente, pela manhã, era apresentada a “Universidade Popular da Manhã, (UPM)”.

Durante a semana, nos inícios das noites dos primeiros anos, a TV Itacolomi apresentava o programa “Coquetel”, programa subdivido em vários quadros, era produzido por uma agência de publicidade. Havia um programa sobre as nações indígenas.

Atividades filantrópicas marcaram presença na TV Itacolomi. Por exemplo, a campanha para ajudar 500 alunos abrigados num grupo escolar da em Belo Horizonte. As doações foram constituídas de cadernos, lápis e outras contribuições de material escolar. Para essa finalidade, foi também doada uma tela do pintor Edésio Esteves, avaliada à época em 20 mil cruzeiros.

Um incêndio foi transmitido pelo Canal 4, em 1956. O fogo consumia um prédio, nas confluências das ruas Tupis e Bahia com Avenida Afonso Pena, no Centro de Belo Horizonte, distante uma quadra da sede da Emissora. Com a urgente instalação, na



sacada de um dos últimos andares do edifício Acaiaca de uma câmera de estúdio, foi possível captar a imagem, com transmissão direta e ao vivo. BRAGA (2008) afirma, essa foi “outra transmissão pioneira da Itacolomi em uma reportagem inesperada.”

Após a primeira década de vida da TV Itacolomi, a capital mineira já contava com duas outras emissoras: a TV Alterosa, inaugurada em 1962, integrante dos Diários Associados e a TV Belo Horizonte, afiliada da TV Rio, que seduziu uma leva de telespectadores. Numa das estratégias para diminuir o avanço da concorrente, José de Oliveira Vaz, o superintendente do Canal 4, defendia que

a emissora se transformasse, o mais possível, numa estação regional, apoiada em um jornalismo que cobrisse todo o Estado e uma programação que levasse em conta os nossos valores culturais, para que se tornasse, efetivamente, uma encarnação das aspirações mineiras. Para diminuir o avanço da TV Belo Horizonte, observei que se déssemos uma ênfase maior ao jornalismo, cobrindo principalmente os fatos do interior do Estado, onde nossa concorrente não penetrava, poderíamos recuperar a liderança. (VAZ, 2008, p.111)

A TV Itacolomi cada vez mais se firmava como uma emissora voltada para o regionalismo, constatação essa traduzida nas respostas de audiências junto à opinião pública, através do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatísticas (IBOPE). Outros fatos corroboravam para consolidar essa credibilidade. E nesse enalço, um fato ocorrido no departamento de jornalismo da Emissora Associada tem conotação dúbia: simples brincadeira ou manipulação da notícia? Felipe Drummond, da equipe de jornalismo, dizia, “o Jornal Bancominas estava muito insosso. Era preciso divulgar, uma notícia de impacto.” (VAZ, 2008, p. 119) E Drummond começou a relatar sobre ataques de homem às moças nos bairros Floresta e Colégio Batista, região leste de Belo Horizonte. Era “O homem da capa preta”. José de Oliveira Vaz quis saber detalhes, “mas ele então disse que não podia revelar mais nada, porque acabava de inventar a noticia naquele exato momento.” (VAZ, 2008, p. 119). Foi autorizado noticiar aquela história, existente apenas na imaginação do Drummond.

Noticiada naquela noite, o impacto foi como previsto. Os demais veículos de comunicação belorizontinos entraram no assunto, as linhas telefônicas da TV Itacolomi ficaram congestionadas e diariamente eram recebidas centenas de pessoas interessadas em dar informações sobre “O homem da capa preta”. VAZ (2008) diz que “a repercussão foi tão grande que tivemos receio de que ocorresse pânico, principalmente na Floresta, e desmentimos a notícia.”

Essa brincadeira do Felipe Drummond que, no fundo, mostrava o perigo de manipulação da notícia por uma emissora de televisão de grande



audiência, veio confirmar a credibilidade e a penetração que tínhamos. Não sei se o Felipe, ao criar “O homem da capa preta”, queria apenas se transformar em um Orson Welles tupiniquim ou se ele queria nos mostrar que estávamos lidando com um veículo tão poderoso que poderia manipular a opinião pública como bem entendesse. Embora eu nunca tenha perguntado isso a ele, pelo que tenho visto hoje nos noticiários, acho que a sua intenção não foi apenas fazer uma brincadeira. (VAZ, 2008, p.118-119)

3 – Noticiosos da TV Itacolomi

Quase 25 anos no ar, o Canal 4 teve vários telejornais. Os principais foram Repórter Esso, Real, BMG e Bancominas, patrocinados respectivamente pela Esso Standard, Real Aerovias, Banco de Minas Gerais e Banco do Estado de Minas Gerais, ambos hoje extintos.

Desde os primeiros momentos da TV Itacolomi, o jornalismo teve lugar de destaque. Os primeiros locutores tinham experiências em rádios, e eram transformados em apresentadores de notícias na telinha. Como diz Carlos Fabiano Braga, (OLIVEIRA, 2010, videodisco), “o repórter que apresentava o noticiário, aparecia lendo o texto, para o telespectador. Aparecia mais a cabeça dele. Muito raramente ele olhava de frente para a câmera”. Nem sempre eram jornalistas de formação.

Patrocinado pela multinacional do petróleo, a forma de edição do Repórter Esso era muito complicada. Parte das notícias chegava a Belo Horizonte em inglês. Com algum desgaste, o editor Ramon Lago fazia a tradução e apresentava o *script*, para a apresentação, pontualmente às 20 horas, de segunda a sábado..

3.1 – Primeiro programa internacional

O jornalismo internacional entrou na TV Itacolomi através da Lufthansa, patrocinadora das projeções do *Deutschlandspiegel*, um jornal cinematográfico. Este programa, intitulado Notícias da Semana, era apresentado no Canal 4 às terças-feiras, às 18:20 horas. As fitas chegavam diretamente da Alemanha, nos aviões daquela empresa aérea.

3.2 – Jornalismo esportivo



O esporte viveu momentos de glórias, com transmissões diretas ou em filmes. Não só o futebol profissional, mas a categoria à época chamada “dente de leite”. Também o box e outros esportes especializados foram destacados.

O departamento de esportes da TV Itacolomi reuniu os profissionais que sobressaiam nas emissoras radiofônicas da época. Muitos pontos nas pesquisas do IBOPE foram conquistados graças às transmissões esportivas.

O sucesso desta transmissão provocou uma atitude de ousadia, com outro desafio: televisionar o jogo entre o Esporte Clube Siderúrgica e Clube Atlético Mineiro, realizado no estádio Praia do Ó, na cidade de Sabará, Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O engenheiro Victor Purri Neto, com alguns dados técnicos, diz que

o fato foi impressionante, principalmente para quem entendia de engenharia de transmissão de microondas. É um sistema unidirecional, para transmissão de imagens, de transmissões externas. Tinha que refletir o sinal do microondas no cume da Serra do Curral. Era uma aventura técnica. Nunca tinha sido feita dessa forma. Tudo baseado na Teoria da transmissão de ondas, a “onda de Fresnel”. Tive que “inventar uma topografia”. Era como se fosse um espelho ótico, porém, refletindo ondas de rádio. (Oliveira, 2010, vídeodisco).

As partidas da Copa do Mundo de futebol, na Suécia em 1958, foram reapresentadas na TV Itacolomi setenta e duas horas após a realização das mesmas. Os filmes foram feitos por uma equipe sueca de cinegrafistas, única com permissão de permanecer no campo durante os jogos.

Menos de um ano após a conquista do primeiro título mundial de futebol, a Seleção Brasileira participava do Campeonato Sul-Americano, realizado em Buenos Aires/Argentina. Com gentileza das bicicletas Monark, o público telespectador mineiro pode assistir a exibição das películas.

Os lances polêmicos, as dúvidas, tiveram uma espécie de tribunal esportivo no programa “Foi ou não foi”, produzido e apresentado por Milton Colen, com a colaboração de uma equipe de fotógrafos e cinegrafistas. A decisão era fundamentada nas fotos e na projeção em câmera lenta. A estréia foi no dia 3 de fevereiro de 1959.

A equipe de esportes se desdobrava, para cobrir tanto o futebol profissional como as várias modalidades amadoras. Era a TV Itacolomi sempre presente, onde o esporte acontecia.



Aos domingos pela manhã eram transmitidos jogos do campeonato de futebol de dentes-de-leite e à tarde, a categoria profissional. E a audiência respondia.

Segundo Clóvis Prates, operador de câmera em transmissões de futebol,

os clubes começaram a se incomodar com isso, achando que estavam perdendo renda, que o pessoal ficava em casa para assistir pela tevê. Naquela época não havia o pagamento dos direitos. E proibiram a entrada da Itacolomi nos campos. Logo depois dessa proibição, tinha um jogo no campo do Cruzeiro, no Barro Preto, e fomos transmitir. Montamos as câmaras num prédio ao lado, para transmitir de fora do campo. A diretoria do Cruzeiro começou a pegar cobertor, botar nos alambrados, para tentar tampar, para a televisão não transmitir. Mas depois fez-se um acordo, voltamos a transmitir os jogos normalmente. (Oliveira, 2010, vídeodisco).

A cor na televisão foi importante aliada da TV Itacolomi, que provou sucesso sem precedentes na “Jornada Esportiva”. As transmissões diretas para o interior do Estado e reprisado à noite para Belo Horizonte. Isso fazia crescer a audiência e afastar, pelo menos temporariamente, a ameaça da TV Globo.

Nos dias de hoje, é comum a produção de textos curtos, sintéticos e objetivos, seja para facilitar a vida do leitor, seja para se adequar aos espaços oferecidos para publicações. E essa última alternativa foi o motivo no qual o apresentador de programas esportivos, Milton Colen, fazia a cobertura jornalística, numa síntese completa dos principais acontecimentos. Foi definida esta diretriz, pois as demais modalidades, como basquete, voleibol, natação, futebol de salão, ciclismo, ginástica, bocha, motociclismo e Box – esse transmitido às quartas-feiras, direto do estádio do Paissandu, situado no centro de Belo Horizonte, onde hoje está localizada rodoviária. Com tantas informações, a solução era noticiar em pílulas. Todo o volume de notícias era condensado em apenas sete minutos de programa.

3.3 - Inauguração de Brasília e políticos

A primeira transmissão a longa distância foi a inauguração de Brasília. Para isso, dificuldades de toda ordem foram superadas. Uma técnica já usada nos Estados Unidos, com o envio das ondas para um avião, foi utilizada para a retransmissão das imagens. Assim, a festa foi assistida em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

3.4 – Mudanças de horário ou fora do ar



Uma questão intrigante na TV Itacolomi era a constante alteração da grade de programação. Mudavam-se horários de programas de audiência, ou os retirava do ar. O porquê da retirada de um programa do ar na TV Itacolomi, é respondido na coluna de tevê, no jornal Associado:

[...] Programas de televisão são assim. Não podem ter duração eterna. O destino de todos eles se cederem o lugar para outro mais interessante, que fatalmente surgirá. O melhor destino que pode um produtor aspirar para sua produção é encerrá-la justamente quando alcançar o seu ponto culminante. [...] É sempre preferível que deixá-lo ir perdendo substâncias aos poucos, envelhecendo, repetindo-se. (Jornalista Jota Pê, Jornal da Tevê, Último programa, Estado de Minas, Belo Horizonte, sexta-feira, 30 novembro de 1958)

4 - Publicidade sempre aliada da TV Itacolomi

As agências de publicitárias pressentiram o grau de penetração da televisão na sociedade. Com isso, investiram. Em troca, detinham horários próprios e produções inseridas na grade de programação. O tino mercadológico, o impulso do consumismo já era explorado desde então. A mercantilização sempre deu o tom nas grades da programação. Assis Chateaubriand, “numa jogada de mestre”, como disse Carlos Fabiano Braga, (OLIVEIRA, 2010, vídeo disco) “fez acordo com as empresas para aquisição destes equipamentos. Por exemplo, a RCA Victor, ofereceu câmaras e demais acessórios, em troca, tinha garantido espaço para os programas de sua produção.

Vera França, (2005) diz “por meio da publicidade direta e indireta, ela nos estimula para o mundo do consumo; cria modas, suscita necessidades de toda ordem.”

4.1 – Festival publicitário da TV Itacolomi

Para incrementar o mercado publicitário, a direção da TV Itacolomi procurou incentivar a criação publicitária, ao instituir, em 1972, o Festival de Comerciais da Televisão Brasileira. Os melhores comerciais, veiculados na TV Itacolomi e nas outras emissoras dos Diários Associados, eram premiados com o “Índio de Ouro”. Essa foi uma fórmula encontrada para promover a qualidade e a categoria dos comerciais de televisão.



Como as veiculações de alguns produtos eram exibidas em várias emissoras, fora do circuito Associados, pelos vários Estados brasileiros, essas outras emissoras eram beneficiadas, pois a mesma mensagem publicitária era em todas as estações. Com isso, a promoção da TV Itacolomi teve um caráter nacional. VAZ (2008) acredita que “foi a primeira promoção desse gênero no Brasil.”

Outras promoções foram lançadas pela TV do Edifício Acaiaca, maneira de aproximar o telespectador, e abre-se mais um canal de simpatia com o telespectador, nas diversas faixas etárias.

Para as crianças, “Espírito de Natal”, em que se pedia uma redação sobre o tema, e a vencedora ganhava uma viagem à Disneylândia. Para os jovens, “Vestibular Simulado” em que o primeiro colocado recebia como prêmio um automóvel. Para os foliões, criamos o “Fantasie seu carro”, na Praça da Liberdade, onde acontecia o desfile dos carros. (VAZ, 2008, p. 153)

5 - Convergências das mídias

Interatividade entre meios de comunicação, o que hoje em dia é conhecido como convergência da mídia. No Estado de Minas Gerais, desde a década de 1950 nos Diários e Emissoras Associadas essa prática já era realidade. Com as devidas proporções, havia interatividade, com profissionais ou produções jornalísticas e artísticas, entre os jornais Estado de Minas e Diário da Tarde, as Rádios Guarani e Mineira e a TV Itacolomi, Canal 4 e posteriormente a TV Alterosa, Canal 2, todos esses veículos de comunicação em Belo Horizonte e a TV Uberaba, na cidade do mesmo nome, em Minas Gerais. E com as empresas pertencentes ao grupo, em outros Estados.

O engenheiro responsável pela montagem da TV Itacolomi, Victor Purri Neto, à época estudante, trabalhava na Rádio Guarani como técnico. Outros profissionais, radioatores, contrarregras, locutores, músicos, trocaram as ondas sonoras da PHR6, o prefixo da Rádio Guarani, pelas imagens televisivas do Canal 4.

Já a equipe de jornalismo originou-se da Rádio Guarani e do jornal Estado de Minas. Pela falta de experiência em televisão, essa equipe contava com auxílio das equipes das TV's Tupi do Rio de Janeiro e São Paulo. Inicialmente, num estilo bem despreparado, o apresentador, como conta Fabiano Braga (OLIVEIRA, 2010, videodisco), “lia o texto e nem sempre olhava para a câmera”. Além da cooperação dos seus profissionais, o jornal Estado de Minas colaborava também com algumas notícias e fotos. Isso porque ainda não existia a figura do redator na televisão mineira,



como também não tinha profissionais próprios para reportarem as notícias. A equipe inicial, segundo VAZ (2008), contava com “Ramon Lago, José Perdigão, Afonso de Souza, Vinícius de Carvalho, Afonso Estevão, Argemiro Ferreira e Rubens Silveira. Eles reescreviam as matérias vindas da redação do Estado de Minas, fazendo algumas alterações e muitas vezes checavam a informação por telefone”.

A Rádio Mineira também deu sua colaboração. De lá saiu o jornalista e locutor Cleto Filho, para compor a equipe de Esportes.

A parceria entre os Associados não para por aí. Ao acumular função de chefe de publicidade nos jornais Estado de Minas e Diário da Tarde, José de Oliveira Vaz foi chamado para a Superintendência da nova emissora. Como o balanço contábil da TV Itacolomi não registrou lucros no primeiro anos de funcionamento, (VAZ, 2008) justifica sua ida para o Canal 4, “em virtude do trabalho que eu vinha desenvolvendo no [jornal] Estado de Minas e no Diário da Tarde, onde o faturamento crescia”. Juntamente com ele foi a equipe de corretores. Também o cartunista Fernando Pierucetti, o Mangabeira, daquele jornal, para ilustrar os anúncios. Para completar a equipe de publicidade da co-irmã caçula dos Associados, foram chamados Antonio Rocha, Celso Siffert e Hélio Faria.

Já como superintendente da emissora de televisão Associada, Vaz não desprezou onde trabalhava e imediatamente solicitou ajuda. ”Pedi-se para veicular campanha nos dois jornais mineiros do grupo, para divulgar a emissora televisiva. Essa união foi fundamental para dissipar de forma definitiva a desconfiança dos anunciantes com aquele novo veículo.

Essa boa convivência nos Diários Associados não diz respeito apenas em solo mineiro. Com três anos de sucesso em sua administração na TV Itacolomi, Vaz foi convidado a dar sua contribuição em outro setor das empresas de Chateaubriand. Assumiu a direção dos Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados – SIRTÁ, que funcionava no Rio de Janeiro. Não ficou muito tempo, para atender outro chamado, para a superintendência dos jornais Diário da Noite e O Jornal, ambos dos Diários Associados do Rio de Janeiro. Depois de um descanso da área jornalística, quando afastou das empresas de Chateaubriand, ele foi incorporado novamente, já em 1965, novamente em Belo Horizonte, como diretor executivo das Emissoras Associadas de Rádio e Televisão, que compreendia as TVs Itacolomi e Alterosa e as Rádios Guarani e Mineira.



O hoje comunicador e editor André Carvalho, à época produtor e reitor da UPM, Universidade Popular da Manhã, programa matinal da TV Itacolomi, era também editor do caderno “Cidade”, do jornal Estado de Minas, editor do Gurilândia, suplemento infantil daquele diário. Para concluir esse capítulo intitulado convergências das mídias, Carvalho, apresentado em OLIVEIRA (2010, videodisco) lembra “como a TV e o rádio mineiro eram prezados pelos donos dos Associados da época. Os jornais todos publicavam páginas inteiras sobre qualquer modificação na grade. (*de programação*) Tanto de TV como de rádio.”

6 - Concessão da TV Itacolomi cassada

No dia 18 de julho de 1980, a TV Itacolomi – e demais emissoras dos Diários Associados - foram bruscamente tiradas do ar, quando funcionários do governo federal lacraram os transmissores. À época de seu fechamento, contava a emissora mineira com 300 empregados, dos quais 30 jornalistas. Os funcionários da TV Itacolomi enviaram telegrama ao então presidente da República, João Baptista de Figueiredo, com cópias para o vice-presidente - o mineiro Aureliano Chaves de Mendonça - e ministros, onde faziam veemente apelo:

nossa emissora sempre cumpriu com suas obrigações sociais, atendendo, sem falhas, aos dispositivos legais que regulavam sua respectiva concessão. Temos um excelente ambiente de trabalho, salários em dia, assistência médica, odontológica e hospitalar impecável e nenhuma queixa podem apresenta contra a administração da empresa. (Editorial, Estado de Minas, número 15.144, sexta-feira, 18 de julho 1980, 1º caderno, p. 2).

O governador da época, Francelino Pereira dos Santos, o presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e deputados de todos os partidos lamentaram o fechamento e manifestaram apoios às manifestações.

De nada valeram os protestos. O Governo Federal não reconsiderou a decisão. Então, quais os motivos para o fechamento da TV Itacolomi? O superintendente à época, José de Oliveira Vaz, na ocasião disse,

não vou me aprofundar na questão. O tempo histórico ainda muito curto. Quando tivemos nossa concessão cassada, estávamos rigorosamente em dia com todas as obrigações fiscais, técnicas, financeiras e artísticas. Eu diria mesmo que o seu sucesso só foi interrompido por um ato de violência política. Uma emissora de televisão, assim como uma de rádio, é uma concessão do Governo, que pode ser cassada a qualquer momento, quer por infração aos termos da concessão ou mesmo por uma decisão política, como foi o caso da



TV Itacolomi, durante o governo do presidente João Figueiredo. (VAZ, 2008, p. 191)

6.1 – Motivos para fechar a TV Itacolomi e demais emissoras Associadas

Assis Chateaubriand tinha um forte poder persuasivo e para construir o seu império da comunicação, não media truculência para, de certa forma, até extorquir dinheiro da classe mais abastada do Brasil. MORAIS (1997) diz que, “Como um exímio contorcionista, Chateaubriand conseguia tomar dinheiro tanto dos que se sentiam representados por sua oposição ao governo, como aqueles que o apoiavam.” O autor continua, numa citação do próprio Chatô, ao fulminar que “as sociedades vivem de mitos. Quero que a burguesia alimente o mito da minha petulante fortuna, porque é dessa burguesia que precisarei, muito em breve.”

“Esses tratamentos foram suportados pela elite brasileira e pelos governos, por haver certa conveniência e também pela insolência de Assis Chateaubriand”. E quem, por ventura não estava do lado do dono dos Diários e Emissoras Associados, era execrado através dos seus jornais. A partir de 1965, com um Assis Chateaubriand acometido de trombose há mais de cinco anos, preso numa cadeira de rodas, porém ativo nas publicações de seus artigos, com o surgimento da TV Globo, chegou a hora de reverter a situação.

Acreditava o doutor Assis na existência de uma conspiração, cujo objetivo seria a destruição de suas empresas de comunicação. Segundo MORAIS (1997), “ou Chateaubriand delirava ou, de fato, o mundo se juntara para reduzir a pó a cadeia que ele levava quase meio século para edificar – segundo se podia deduzir de seus próprios artigos.”

7 – Considerações finais

A publicidade, desde a implantação da televisão no Brasil, antecedeu a todos os seguimentos e descobriu na televisão, o novo meio de comunicação social, um grande instrumento de vendas.

O tratamento dado a TV Itacolomi é de uma forma superficial. Quando se trata de alguma publicação, não se aborda de forma ampla. As fontes entrevistadas para esse artigo esgueiravam-se, quando duas perguntas eram feitas: quem foi Assis



Chateaubriand? Por que fecharam a TV Itacolomi? A conclusão desse trabalho aponta para não um, mas vários os motivos aqui enumerados. Primeiro, mais de duas décadas com a prática do Chatô, de angariar recursos, enfrentamento de vários presidentes da República. Quem não o apoiava, era como sentenciado sua própria condenação, proferida através dos seus artigos diários, publicados em todos os jornais de sua propriedade e na revista O Cruzeiro. Segundo, o acordo entre uma nova emissora e um grupo norte-americano. União que decididamente mudaria o curso da história da televisão no Brasil. Terceiro, a elite brasileira detectou nesse fato novo, a oportunidade de dar um basta às práticas abusivas de Assis Chateaubriand. Quarto. Para a efetivação dessa guinada, contou com condescendência de autoridades federais em velar um acordo que feriu a Carta Magna, forma de execração também tentada por duas vezes, sem sucesso, pela diretoria nacional dos Associados, a qual a TV Itacolomi era parte integrante. Outro motivo foi a morte do mentor e criador dos Diários e Emissoras Associadas.

A juntura desses motivos, aliados a outros pormenores, como importar programas, feitos especialmente para exibição naquele então novíssimo suporte da comunicação, com os prós e os contras, distanciava o mineiro que acanhadamente começava a se habituar a assistir programas de televisão. Os importados, carregados de propaganda dos modos e costumes de um povo estrangeiro, desembarcam na TV Itacolomi como uma imposição de mercado. Num primeiro momento, a novidade foi bem-vinda. Todavia, esse fato corroborou e muito para minguar o parque artístico que era o território mineiro, sentindo-se os artistas obrigados a migrarem para o eixo Rio-São Paulo, onde as atrizes e atores descortinavam oportunidades de ascendências a nível nacional.

Diga-se de passagem, a TV Itacolomi já nasceu sob a marca da perseguição. Por causa de divergências política de Assis Chateaubriand com o Governo Vargas, não foi autorizada a compra e importação dos equipamentos, o que ocorreu apenas em 1954, após a morte do líder trabalhista.

A Emissora Associada mineira superou alguns desmandos do regime militar, instalado no poder em março de 1964. Passou praticamente imune sob o regime ditatorial do AI-5, sem maiores problemas com a Junta Militar que governou no final da década de 1960. Atravessou sem percalços o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Curiosamente teve sua concessão cassada justamente na Abertura Política, do



presidente João Batista de Figueiredo, quando os militares se preparavam para deixar o poder e passar o governo às lideranças civis.

Essas conclusões foram fruto de um curto período de pesquisas e leituras de algumas obras literárias. Contudo, fica aqui o desafio de continuidade do trabalho, com proposta de aprofundamento para que uma resposta completa e autêntica seja apurada. Uma nova rodada de entrevistas com os profissionais integradores do processo se torna necessário. Para isso, lutar-se-á para novo financiamento que permita o autor chegar-se a essa conclusão.

8 - REFERÊNCIAS

BRAGA, Carlos Fabiano, TV Itacolomi – Uma crônica – 100 fotos, 1ª Ed., versão 1.0, São Paulo, Biblioteca 24x7, 2008, 172 p. Também disponível em www.biblioteca24x7.com.br

CASTRO, Ruy – O Anjo Pornográfico, a vida de Nelson Rodrigues, SP, Companhia das Letras, 1997, 457 p. 10ª reimpressão

FERREZ, Joan, Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas, tradução Ernani Rosa e Beatriz A. Neves, Porto Alegre, Artmed, 1998, capítulo 1. Falsos mitos na autocompreensão, p. 13 a 35

FRANÇA, Vera, Narrativas televisivas – programas populares, capítulo “A TV, a janela e a rua” p. 13-37, 2005

JORNAL ESTADO DE MINAS, matérias jornalísticas, peças publicitárias e a coluna “Jornal da Tevê”, assinada por Jota Pê, com publicações específicas sobre a televisão, do período de agosto de 1955 a julho de 1980

LIMA, Fernando Barbosa, PRIOLLI, Gabriel e MACHADO, Arlindo – Televisão e Vídeo, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, 78 p.

MACHADO, Arlindo - Pré-cinemas & pós-cinemas- Campinas, SP: Papyrus, 1997 – (Coleção Campo Magnético)

OLIVEIRA, Antonio Elizeu de, “TV Itacolomi, Canal 4: Um dos pilares da televisão brasileira”, Belo Horizonte, Laboratórios da PUC Minas, 2010, 1 videodisco, (55’20’): NTSC: son., color

MORAIS, Fernando, Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand, 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 736 p.

VAZ, José de Oliveira, TV Itacolomi sempre na liderança, 2ª ed., Belo Horizonte, Armazém de Ideias, 2008, 216 p.

WAINER, Samuel, Minha razão de viver: memórias de um repórter, São Paulo, Planeta, 2005, 366 p.

